

UM PROJETO DE TRADUÇÃO FUNCIONALISTA – JUSTIFICANDO FUTURAS DECISÕES TRADUTÓRIAS

Abstract: Christiane Nord proposes a translation project aimed at assisting the translator in conscious and intentional decision-making during the translation process. The present paper puts into practice the project suggested by the author through a text/interview published by *Revista Estudos Feministas* in 2008. A translation project for the aforementioned interview was designed considering Nord's possible variables for the target text. Once the translators have their projects done, they can more easily perceive features they need to consider to translate a discourse and also that their translational interferences are inevitable, although directed to the intentionality entailed by the project that comes even before the translational act.

Key-words: Translation Studies, Christiane Nord, Translation Project, Gender Studies.

Resumo: Christiane Nord traz a proposta da elaboração de um projeto de tradução para que auxilie o tradutor durante o processo tradutório em tomadas de decisões conscientes e intencionais. Esse artigo coloca em prática o projeto sugerido pela autora através de um texto/entrevista publicado pela Revista Estudos Feministas em 2008. Com base na referida entrevista, elaborou-se um projeto de tradução considerando as variáveis possíveis abordadas por Nord para o texto de chegada. A partir da elaboração de um projeto, o tradutor pode perceber os cuidados que ele tem que ter para traduzir um discurso e que suas interferências tradutórias são inevitáveis, porém direcionadas a intencionalidade trazida pelo projeto antes mesmo de se iniciar o ato tradutório.

Palavras-chave: Estudos da Tradução, Christiane Nord, Projeto de Tradução, Estudos de Gênero.

Os tradutores tornam possível a comunicação acontecer entre membros de comunidades culturais diferentes. Eles fazem a ponte no espaço entre situações em que as diferenças de comportamento, expectativas, conhecimento e perspectivas, verbais e não-verbais, são tantas que não há um 'solo' comum o suficiente para aquele que envia

e para aquele que recebe se comunicarem eficientemente por si mesmos. (NORD, 2001: 1)¹

Para realizar qualquer tradução, é preciso lidar com as diferenças culturais entre leitores de núcleos culturais diferentes. Quando um tradutor depara-se com seu texto original para que seja traduzido para qualquer outra língua, ele experimenta a necessidade de desvendar aquilo que se esconde por trás do aspecto lingüístico de decodificar um texto que está em uma língua para outra. Esse tradutor deve procurar saber, dentro de suas reais possibilidades, para quem ele traduz ou quem vai ler suas palavras, quando e em que ocasião elas serão lidas, e por qual motivo. Assim sendo, o tradutor – assim como aquele que demanda a tradução – pode traçar os objetivos que se intenciona atingir.

O projeto de tradução proposto por Christiane Nord (2001) será aqui exemplificado através de uma entrevista realizada em 2007 e publicada em 2008 pela Revista Estudos Feministas (REF)². Essa entrevista foi realizada por uma brasileira com uma feminista iraniana que vive na França; a entrevista, que trata de assuntos relacionados ao feminismo no Irã, sua história, luta e atualidades, foi realizada em francês, mas publicada em português – e é a publicação em português que será considerada como texto original para este estudo. A proposta foi realizar uma tradução da mesma para a língua inglesa que fosse precedida de um projeto de tradução com um olhar cuidadoso sobre o texto original – sempre visualizando o futuro texto traduzido – antes mesmo que a tradução fosse iniciada.

O primeiro processo foi tentar perceber as diferenças culturais que seriam encontradas entre os leitores de cada texto. No aspecto lingüístico, são apenas duas línguas envolvidas, o português e o inglês (para este projeto, pois, mais uma vez lembrando, a entrevista foi realizada em francês e posteriormente foi traduzida e publicada em português). No aspecto cultural, o Brasil, os Estados Unidos, a França e o Irã aparecem como atuantes na entrevista selecionada.

O Brasil aparece como fonte de publicação do texto original, língua original e entrevistadora – a entrevistadora fez perguntas intencionais para a publicação da sua

¹Tradução minha. “Translators enable communication to take place between members of different culture communities. They bridge the gap between situations where differences in verbal and non-verbal behaviour, expectations, knowledge and perspectives are such that there is not enough common ground for the sender and receiver to communicate effectively by themselves”.

²Ver referências.

entrevista no Brasil e para o interesse do público brasileiro. Os Estados Unidos vão aparecer como fonte de publicação do texto traduzido, língua traduzida e nacionalidade do público-alvo. A França aparece como sede da entrevista, língua original oral e solo comum entre entrevistadora e entrevistada. O Irã aparece como o tema principal da entrevista, o feminismo, questões políticas, sociais e religiosas relatadas por uma iraniana, a entrevistada, que, apesar de ceder a entrevista em francês, está intimamente ligada aos aspectos culturais de seu próprio país..

Uma tradução envolvida com quatro diversidades culturais

Inicialmente, como uma das primeiras tarefas da elaboração de um projeto de tradução, é preciso selecionar o público-alvo. A ideia inicial foi de que o público-alvo seria restritamente os norte-americanos que, de algum modo, fossem interessados em Estudos de Gênero dentro do meio acadêmico; esses poderiam ser professores, alunos ou pesquisadores. Posteriormente, ficou perceptível que, quando se trata de um texto que será publicado na língua inglesa, não há como restringir tão severamente o público-alvo. A língua inglesa é atualmente uma língua de grande circulação nos meios acadêmicos e, ainda que, entre muitos deles, a primeira língua não seja a inglesa, sabe-se que ela circula como segunda língua nos referenciais bibliográficos e em discussões acadêmicas também. Mesmo que a entrevista seja publicada em uma revista acadêmica norte-americana, ainda assim, ela terá o “visto”³ para circular em outros países, pois estará traduzida para a língua inglesa e, se for publicada *online*, ficará ainda mais acessível para diversos leitores de nacionalidades diferentes.

Considerando essa realidade, foi necessário ampliar o público-alvo para todos os leitores interessados em Estudos de Gênero que não tenham proficiência de leitura em português. Contudo, devido a algumas peculiaridades que tratarei a seguir, apesar de ampliado para um público mais abrangente, ainda assim, há de se observar os leitores dessa nacionalidade devem ser prioritariamente levados em consideração diante de problemas específicos que venham a ser suscitados pela leitura do texto em português.

³ Cláudia Lima Costa (2000) chama de visto aqueles textos que se encontram em livre zona de circulação devido a apresentação de uma língua de porte universal. Sabe-se que um texto, a partir do momento que é apresentado em inglês, pode ser lido por um público infinitamente maior.

Por isso, as/os norte-americanas/os continuam sendo o foco do público-alvo deste projeto.

Posteriormente será explicado porque essa decisão passou a ter tamanha importância dentro do projeto, mas, a priori, cabe aqui dizer que há um amplo potencial de leitores que sejam o público-alvo, afinal é possível considerar todos os leitores interessados em assuntos relacionados aos Estudos de Gênero que não tenham conhecimento suficiente para ler o texto em português. Sendo esse público-alvo tão amplo, a tomada de decisões de natureza cultural se tornaria mais difícil já que o texto-alvo estaria assim destinado às mais diferentes culturas do planeta. Portanto, não se pode desconsiderar que o texto traduzido será lido por diferentes culturas. Entretanto, foi pensando mais especialmente na cultura norte-americana que o projeto foi elaborado, permitindo assim, tomadas de decisões mais específicas e direcionadas para a cultura em questão.

Algumas características das culturas envolvidas

É importante ressaltar que o texto-fonte que está publicado na REF de janeiro-abril de 2008 de forma impressa e *online* já é uma tradução do francês. Ela foi realizada por uma socióloga brasileira, Carmen Rial, ou seja, ela é de um país que, também como o Irã, segundo a própria entrevista desse artigo, possui uma história relativamente recente em termos de produção no campo de Estudos de Gênero, e ambos são bastante influenciados – ainda que de formas diferentes – por estudiosas oriundas da França e da América do Norte. Esses países são, de uma forma generalizada, pioneiros no que se refere às produções intelectuais, onde se encontram os prováveis “clássicos” do feminismo⁴.

Dessa forma, entre outras intenções, uma das propostas da tradução é também tentar mostrar ao público-alvo como o feminismo iraniano é influenciado pela corrente de estudos desenvolvida na América do Norte, e de que forma a corrente francesa também o influenciou. O diálogo entre as duas pesquisadoras deixa claro como ambos

⁴Dentro dos Estudos Feministas, por exemplo, Simone de Beauvoir na França é muito conhecida pela sua publicação, em 1949, de “O Segundo Sexo”; e, logo posteriormente, Betty Friedan, nos Estados Unidos da América, tendo seu auge na publicação do livro “Mística Feminina”, em 1963. Ainda que hoje em dia nenhuma das duas seja mais um referencial teórico, há, entre outras, na América do Norte, Joan Scott e Judith Butler e, na França, Luce Irigaray, usadas atualmente como referenciais teóricos dentro desse campo de estudo.

os países, Brasil e Irã, conhecem e se apropriam de determinadas escritoras oriundas de tais lugares.

O texto original trabalha com a mentalidade de duas mulheres provenientes de diferentes contextos culturais, entrevistadora e entrevistada, brasileira e iraniana, respectivamente. O texto-fonte tem como público-alvo leitores acadêmicos brasileiros dentro dos Estudos de Gênero; ou seja, os leitores do texto-fonte podem se identificar com a autora do texto muito mais do que os leitores do texto-alvo, pois eles partilham da mesma nacionalidade e, mais que isso, dos mesmos centros acadêmicos brasileiros. Através do frequente diálogo entre estudiosas(os), esses centros trabalham com conceitos culturais semelhantes àquilo que diz respeito aos Estudos de Gênero e também igualmente ou semelhantemente influenciados por essas duas grandes correntes intelectuais da área.

Como brasileira, a entrevistadora trouxe aos brasileiros uma entrevista de função textual informativa, realizada na França, sobre o feminismo no Irã. Essa entrevista foi realizada em francês, mas com o intuito de ser publicada no Brasil, em português. Portanto, o texto, desde sua fase inicial de produção na forma oral e na língua francesa, é conscientemente endereçado aos brasileiros. Nesse sentido, para os leitores da língua-alvo, ou seja, em inglês, o texto-alvo pode se tornar mais exótico do que o texto-fonte é para o seu público original, afinal o texto-alvo é uma produção brasileira sobre um diálogo internacional entre Brasil e Irã traduzido para o inglês.

Apesar do projeto de tradução manter a proposta de oferecer, assim como no texto-fonte, uma visão histórica, política, religiosa e social sobre o feminismo no Irã, a introdução do texto, assim como as perguntas da entrevista, são levantadas por uma brasileira com interesse intelectual brasileiro nos Estudos de Gênero e pensando no seu leitor-alvo, esse também brasileiro. Esse interesse pode ir às vezes de encontro aos interesses das feministas norte-americanas, mas sendo alguns deles diferentes, ainda assim, a tradução pode ser interessante no sentido de demonstrar como o Brasil, um país que aqui chamei de periférico no que se refere à teoria, porém significativo na atuação do campo de Estudos de Gênero⁵, lida com essas duas correntes teóricas através de como Carmen Rial conduz a entrevista, perguntando sobre e mencionando algumas estudiosas dentro dessa área que lhe são familiares e que fazem parte do universo anglo-

⁵ ver HOLLANDA, H. H. O. B. *Feminismo em Tempos Pós-Modernos*. In: HOLLANDA, H. H. O. B. (org). *Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura*. Rocco: Rio de Janeiro, 1994. p. 7-22.

americano e francês. Esse modo de lidar com as teóricas desses dois lugares, isto é, através de um ponto de vista da “periferia”, pode também ser um objeto de estudo interessante para os Estudos de Gênero.

A semelhança que pode ser encontrada no feminismo entre esses dois países diferentes, Brasil e Irã, é que ambos iniciaram seus Estudos Feministas depois da América do Norte e da França, influenciados pelos movimentos, pelas lutas e por uma procura de identidade; Brasil e Irã se apropriaram dos estudos realizados na América do Norte e na França, porém também os adaptaram às suas próprias necessidades⁶. O feminismo brasileiro e iraniano fazem parte de um grupo de correntes derivadas dentro do feminismo, que surgiu de mulheres pertencentes a contextos diferentes dessas pioneiras que eram originalmente compostos por mulheres de maioria branca, ocidental, cristã de classe média e alta, européias e norte-americanas. Apenas posteriormente surgem outros grupos compostos por outras diferenças étnicas, religiosas ou de classe social⁷.

Logicamente, o feminismo que existia e existe no Irã é diferente do feminismo existente no Brasil; cada um traz na sua história uma luta dentro das características sócio-políticas peculiares de seus países. De qualquer forma, tanto em um país como no outro, as produções feministas passaram a ocorrer de maneira mais recorrente como uma resposta às produções precursoras de correntes feministas anglo-americanas e francesas e, contudo, desenvolveram suas próprias correntes, ainda que dialogando com referências teóricas oriundas desses centros acadêmicos.

Protagonistas e coadjuvantes – a proposta

Para a visualizar a tradução do corpus, vários aspectos da entrevista original, como por exemplo, que ela foi realizada por uma brasileira, na França, que foi oralmente realizada em francês e que foi inicialmente publicada em uma revista acadêmica brasileira, são mantidos na tradução da entrevista, inclusive a estruturação dialógica do texto. Com isso, o leitor do texto-alvo poderá perceber outro aspecto que

⁶ Na própria entrevista, tanto Carmen Rial como Azadeh Kian-Thiébaud mencionam diversas escritoras norte-americanas e francesas e que tipo de popularidade elas têm dentro dos estudos acadêmicos de seus respectivos países.

⁷ Cabe dizer que dentro dos países que aqui denominei “centrais” também aparecerem, posteriormente, outros tipos de feminismos subdivididos em grupos de naturezas diversas

vai além da proposta inicial do texto-fonte: ele propõe aos seus leitores uma comunicação direta do Brasil com a atuação das feministas do Irã que, por motivos culturais, demonstra uma luta feminista diferente da sua, porém semelhante a um período de novas necessidades de luta e estudo. O texto-alvo procura levar ao público-alvo uma leitura que seja reflexivamente mais indireta que a leitura feita pelos leitores do texto-fonte, ou seja, para estes a distância cultural se resume às particularidades do feminismo no Irã ao passo que para aqueles a distância vai ainda mais além, afinal, para os leitores que lêem em uma língua consagrada na centralidade, ou seja, no inglês, e que não possuem uma ligação cultural direta com nenhuma das interlocutoras do texto, o distanciamento cultural não está apenas nas respostas da entrevistada, mas também nas perguntas da entrevistadora, duas mulheres oriundas de países periféricos diferentes no campo dos Estudos de Gênero, relacionando-se com esse universo feminista.

Relembrando, o público-alvo deste projeto é formado por acadêmicos interessados em Estudos de Gênero que, primeiramente fazem parte de um grupo muito abrangente de leitores que não lêem na língua portuguesa e têm conhecimento linguístico em inglês, mas pode acabar se afunilando mais especialmente para leitores da América do Norte. Mesmo não havendo produção nenhuma da mão da cultura norte-americana – nem mesmo a tradução para o inglês, a cultura norte-americana é um dos “objetos” principais da entrevista, sendo mencionada diversas vezes através da fala tanto de Carmen como de Azadeh. Os leitores norte-americanos, portanto, poderão perceber que tipo de diálogo as produções intelectuais em estudos de Gênero do país deles próprios – e da França – geram entre outras culturas de raízes históricas e sociais bem distintas. De fato, a tradução confronta duas culturas centrais através de redes periféricas. Através desse diálogo, os leitores norte-americanos poderão perceber que tipo de estudo vem sendo realizado no Brasil e, logicamente, no Irã.

No contexto da tradução, a visão da cultura norte-americana como parte do ‘outro’ é bem evidente na entrevista já na primeira resposta que Azadeh dá à Carmen no texto, quando se refere aos norte-americanos como terceiros, referindo-se a eles e outras nacionalidades como ocupantes estrangeiros, missionários e cristãos: “existiam escolas para moças, mas eram escolas de missionários americanos, franceses e ingleses, e, sobretudo, eram as mulheres cristãs que as frequentavam” (Rial, 2007: 146). Dessa forma ela descreve, no decorrer da entrevista, a nacionalidade e práticas norte-americanas como parte do ‘outro’. A intenção é que esse tipo de discurso seja mantido

na tradução; os leitores norte-americanos, ao lerem o texto-alvo, perceberão claramente que o discurso não foi destinado a eles, e também, entre outras características trazidas pelo texto, que o diálogo foi realizado entre duas pessoas de culturas periféricas.

No texto-fonte, fica clara a preferência de Azadeh pelos estudos feministas desenvolvidos na França, ela lamenta a falta de conhecimento por parte das feministas iranianas de grandes obras francesas nessa área. Além disso, algumas vezes ela se refere às teorias americanas de uma forma generalizada e distanciada, muito mais que qualquer outra cultura ali mencionada. A entrevistada demonstra, em certos momentos, algumas opiniões contrárias a essa teoria generalizada norte-americana. Essa atitude não é totalmente surpreendente no momento em que as teorias feministas que aqui denominei por centrais, ou seja, teorias desenvolvidas na América do Norte e na França, em algumas situações sustentam abordagens intelectuais diferentes, e por vezes, podem também divergir ideologicamente, assim como é descrito por Heloísa Buarque de Hollanda (1994, p. 14) ao discursar sobre as tendências e diferenças entre as produções feministas nesses dois centros, e, se referindo ao pensamento feminista francês afirma que: “[...] o feminino constitui-se como a possibilidade de recaptura de uma unidade perdida, ao contrário das investigações anglo-saxônicas, consideradas "puramente temáticas" pela crítica francesa.”

Azadeh, por seguir a linha de pensamento teórica francesa, algumas vezes faz críticas um tanto severas ao feminismo norte-americano. Nesse caso, o projeto de tradução teve como pretensão suavizar um pouco os comentários da entrevistada, porém não se propôs a omitir esse senso crítico, não há a intenção de poupar os leitores americanos de algumas críticas, mas, para não fugir do objetivo principal, que é chamar a atenção do público-alvo para a interação das produções brasileiras no campo de Estudos de Gênero, ou seja, para despertar também a atenção das feministas norte-americanas cujas produções Azadeh se mostra bastante crítica. Abaixo segue um exemplo de um trecho do texto-fonte em que a opinião de Azadeh se mostra contrária ao feminismo desenvolvido na América do Norte e a estratégia de tradução utilizada para “amenizar” a crítica:

Texto-fonte	Texto-alvo
“O que é publicado no Irã como literatura feminista é o que vem dos Estados Unidos. Um pouco também da Inglaterra, mas,	Everything published as feminist literature in Iran comes from the USA. There is also a little bit from England, but mainly from the USA.

sobretudo dos Estados Unidos. E assim elas reproduzem os erros das americanas, por exemplo, retomando o que estas chamam de "french feminism" e que, como você sabe, na França não é absolutamente considerado como feminismo". (Rial, 2007: 159)	They, like the Americans, reproduce the use of the term "French Feminism", a term which is not taken as feminism in France at all.
---	--

Fragmentos com esse tipo de característica na entrevista foram mais uma razão para o afunilamento do público-alvo da tradução, como anteriormente mencionado. Outro motivo que levou à escolha da suavização dos comentários de Azadeh para o texto-alvo foi um motivo puramente diplomático, não só entre Azadeh e a América do Norte, mas muito mais entre o Brasil e a América do Norte, com o objetivo de estreitar o diálogo e evitar o contrário, o distanciamento entre eles. Assim, a estratégia de tradução para atingir tal objetivo foi, para este exemplo utilizado acima, a omissão do que no texto-fonte ela chama de "erro das americanas" e o "como você sabe", para não comprometer a entrevistadora no diálogo.

A proposta também foi de formalizar a linguagem de forma que ela ficasse mais acadêmica que a do texto-fonte e de suavizar, dentro do possível, as fortes marcas de oralidade, ou seja, que o texto pudesse ficar com mais características de texto escrito (apesar da estrutura de entrevista ser mantida) na intenção de manter o principal dos objetivos aqui propostos, de demonstrar a seriedade com a qual o Brasil dialoga com outras culturas de forma acadêmica e competente. O objetivo principal da tradução do texto fonte é mostrar a maturidade da pesquisa feminista no Brasil. Portanto, qualquer possível motivo que venha a inferiorizar de alguma forma o texto para o público-alvo deve ser compensado, para não contrariar esse objetivo principal. Por exemplo, o fato de o texto ter sido escrito por uma brasileira, que pode ser classificada como uma intelectual de uma cultura periférica, ou também de o texto ser uma tradução, e não um original, pode ser considerado negativo para o público-alvo e deve, de alguma forma, ser contrabalançado através de uma linguagem mais em conformidade com o registro usual de um texto acadêmico da cultura de chegada. Isso vale também para leitores fora dos EUA, pois através das convenções do registro acadêmico anglo-saxônico inevitavelmente passarão a ler o texto pelo filtro dessa cultura, isto é, mesmo que algumas das características de um texto acadêmico não existam na cultura de origem

desses leitores, eles o exigirão de um texto que estão lendo em inglês, pois passaram por uma socialização através de suas leituras anteriores de textos acadêmicos em inglês.

Levando sempre em consideração o foco onde se localiza o público-alvo, a intenção por trás de todo o esforço da tradução e publicação do artigo traduzido foi para que seus leitores percebam a seriedade do trabalho que vem sendo realizado aqui no Brasil no campo de Estudos de Gênero. Ou seja, o discurso deve ser pautado por elementos de legitimidade e autoridade.

A entrevistada, Azadeh, também teve suas próprias intenções quando cedeu a entrevista à Carmen Rial. É importante ressaltar que é o discurso dela que está sendo publicado deixando-a mais exposta do que a entrevistadora, ou seja, com exceção do primeiro parágrafo introdutório e de um número de perguntas conduzidas por Carmen Rial, a fala pertence a ela, com respostas longas. No entanto, sabe-se que a entrevista foi realizada em francês, o que significa que a autora entrevistadora e também tradutora já fez com que as palavras da entrevistada passassem pelas consequências de uma primeira tradução e mediação para o público leitor brasileiro. Coube à própria autora entrevistadora considerar as intenções da entrevistada ao traduzir o artigo para o português.

A tradução para a língua inglesa teve que levar em consideração principalmente as intenções da autora do texto que abre o artigo com suas próprias palavras em português e também conduz a entrevista em francês. A possibilidade que a intenção da entrevistada ganhe uma interpretação errônea ao ser traduzida para o inglês existe, pois suas palavras sofreram uma segunda tradução. Nesse caso, foi feito um contato com Azadeh via *e-mail*, que revisou a entrevista traduzida para o inglês com o intuito de evitar que ela corra o risco de ter seu discurso lido tão diferentemente daquele que um dia ela pronunciou.

Quanto à autora do texto, Carmen Rial, também houve um diálogo via *e-mail* para que ela ficasse a par do trabalho que estava sendo feito e também para resolver algumas dúvidas em relação ao texto publicado em português para que eu pudesse consultar a gravação da entrevista em francês. No entanto, Carmen não pôde ceder a entrevista original gravada em francês para uma avaliação ainda mais aprofundada, pois não se encontrava no Brasil durante o período de estudo.

Para o reconhecimento dessa tradução como uma produção acadêmica brasileira seria dentro do contexto acadêmico norte-americano, certos cuidados na elaboração do projeto de tradução foram necessários. A escolha da linguagem acadêmica adequada é crucial nesse sentido. Além dos fatores interculturais e da dimensão de inversão de centro-periferia, ainda há outras questões delicadas que foram consideradas na elaboração da tradução. Por exemplo, como já anteriormente mencionado, a entrevista, provavelmente por ser originalmente um diálogo oral, carrega certa informalidade que a autora preferiu manter durante sua transcrição para a língua escrita e tradução para a língua portuguesa. A entrevista já passou por alguns processos de transformação até ser publicada para o leitor-original brasileiro. A tentativa de alcançar a aceitação da entrevista pelo novo público-alvo através da busca por uma linguagem mais formal na tradução para o inglês foi uma constante no processo tradutório, por isso houve um certo abrandamento de marcadores de oralidade e informalidade, porém, não houve, em momento algum, a tentativa de eliminar a oralidade tão nítida para o público-alvo original, ela apenas foi adaptada aos padrões usuais para uma entrevista acadêmica do contexto norte-americano.

Ainda assim, a intenção da autora e entrevistadora deve incondicionalmente sofrer algumas alterações, pois além das características culturais linguísticas, a entrevista sofre uma mudança drástica de foco: no texto-fonte, as discussões levantadas sobre as teorias dos países centrais na questão do feminismo (América do Norte e França) são discutidas por mulheres originalmente de países periféricos (Irã e Brasil), e tal discussão é retransmitida para um país também periférico (Brasil). Dentro do contexto de Estudos de Gênero no Brasil, a autora é conhecida e respeitada; no contexto da tradução, ela é um nome novo. No caso da tradução, a discussão é principalmente direcionada para o público norte-americano através de uma visão periférica desses dois países em questão. Assim, o leitor do texto-alvo, estando na qualidade de uma posição central em produção teórica dentro dos Estudos de Gênero, pode perceber que a periferia se pronuncia com produções também contributivas para os Estudos de Gênero. A entrevista pode despertar também o interesse das feministas em estudar o feminismo iraniano através do ponto de vista de uma iraniana, Azadeh, intermediada por uma brasileira.

Para finalizar, segue uma tabela ilustrativa que elucida os principais pontos destacados pelo projeto de tradução discutido neste artigo:

	Texto-fonte:	Texto-alvo:
Fatores externos:		
Emissor	Carmen Rial	Monique Pfau
Intenção	Transmitir conhecimento geral sobre o feminismo no Irã (histórico, político e social)	Mostrar um exemplo de diálogo de uma feminista brasileira com outro país (nesse caso, o Irã)
Receptor	Acadêmicos brasileiros leitores da REF	Acadêmicos da área de Estudos de Gênero que não têm proficiência em português – especialmente os norte-americanos
Meio	Revista Estudos Feministas	Através de uma revista acadêmica
Lugar	Florianópolis - Brasil	A decidir
Tempo	2008	Futuro próximo
Propósito	Informar questões sobre o feminismo no Irã e fazer uma reflexão comparativa ao feminismo brasileiro.	Divulgar produções brasileiras deste campo e atenuar os conflitos culturais gerados pela tradução do texto
Função textual	Informativa	Informativa-apelativa
Fatores internos:		
Tema	Feminismo no Irã	Feminismo no Irã

Conteúdo	Perguntas e respostas sobre o feminismo no Irã	Perguntas e respostas sobre o feminismo no Irã
Pressuposições	Comparativa ao feminismo brasileiro (pelas perguntas da entrevistadora)	Qualidade de diálogo entre os dois países
Estruturação	Introdução/ Perguntas e respostas estruturadas em parágrafos	Introdução/ Perguntas e respostas estruturadas em parágrafos
Léxico	Texto acadêmico, porém informal e com marcas de oralidade	Texto acadêmico, linguagem formal e suaves marcas de oralidade
Sintaxe	Simples	Mais elaborada
Efeito do texto	Perceber que há proximidades (através da literatura internacional) entre dois países periféricos apesar da situação totalmente diferente de cada país	Mostrar que os países periféricos não são meros consumidores acríticos da teoria dos países centrais

Através deste estudo é possível perceber as inúmeras forças que norteiam o processo tradutório. Christiane Nord (2001) sugere a consideração de todos os itens discriminados acima para a elaboração de um projeto de tradução.

Uma vez que o tradutor consiga responder todas as questões dos fatores externos e internos do texto-fonte e do texto-alvo, ele estará mais preparado para tomar decisões

durante sua tradução. Com um projeto, o tradutor não precisa mais agir instintivamente e, dessa forma, ele consegue justificar as suas decisões e, principalmente, suas interferências, já que sua função é fazer uma ponte entre dois ou mais universos culturais.

Encontrando-se o tradutor embrenhado em uma situação de tradução de valores, conceitos políticos, religiosos, morais, tomando consciência que deve lidar com uma delicada situação em consideração às culturas com as quais estão em questão, não seria legítimo justificar suas interferências?

Acima de tudo, devemos considerar que interferências de qualquer espécie sempre acontecem em traduções, mesmo que sejam inconscientes por parte do tradutor. A ideia de *neutralidade* não pode existir, já que o tradutor trata-se de um ser humano repleto de sua própria cultura. Assim sendo, por mais que deseje, ele não vai conseguir atingir um grau de imparcialidade absoluta. Por mais que queira se apagar e mostrar o autor do texto original somente, suas marcas no texto traduzido existirão. Portanto, se interferências existem, que sejam conscientes e premeditadas.

Referências:

CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation – the spread of ideas in translation theory*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 2000.

COSTA, Cláudia de Lima. As Teorias Feministas nas Américas e a Política Transnacional da Tradução. *Revista Estudos Feministas*. vol 1. n. 3. UFSC: Florianópolis, p. 43-48, segundo semestre de 2000.

<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112009-035153costa.pdf>

HOLLANDA, H. H. O. B. Feminismo em Tempos Pós-Modernos. Em: HOLLANDA, H. H. O. B. (org). *Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura*. Rocco: Rio de Janeiro, 1994, p. 7-22.

LEAL, Alice Borges. *Funcionalismo Alemão e Tradução Literária: quatro projetos para a tradução de “The Years”, de Virginia Wolf*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) UFSC: Florianópolis, maio de 2007

NORD, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity – Functionalism Approaches Explained*. St. Jerome Publishing: Manchester, UK & Northampton MA, 2001.

PEDRO, Maria Joana. Traduzindo o Debate: O uso da categoria de Gênero na História. *Revista Brasileira de História*. Universidade Estadual Paulista: São Paulo, p.77-98, 2006. <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>

RIAL, Carmen. Princesas, sufragistas, islâmicas, laicas, onguistas, escritoras – a luta do feminismo no Irã: entrevista com Azadeh Kian-Thiébaud. *Revista Estudos Feministas*. vol 16. n. 1. UFSC: Florianópolis, p. 145-169, primeiro semestre de 2008. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000100016&script=sci_arttext

SIMON, Sherry. *Gender in Translation – Cultural Identity and the Politics of Transmission*. London: Routledge, 1996.